

Sobre a perversão da ética

Marion Minerbo

Qual o mecanismo psíquico implicado no *perverter*?
A análise de um trecho de Dostoievski mostra em
ação o que se poderia chamar de *ética da roleta*.

Freud abre os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* com um capítulo dedicado às aberrações sexuais. Ele parte dos possíveis desvios quanto ao objeto e objetivos sexuais para mostrar, neste e em outros trabalhos, que a sexualidade, apesar de ancorada no biológico, é também uma aquisição cultural. Desde então a Psicanálise se ocupa da psicosexualidade.

A afirmação de que o objeto sexual não é dado, mas construído no campo da intersubjetividade, se levada às últimas conseqüências, ainda hoje causa impacto. Porque somos levados a reconhecer que não é apenas o desvian-

Marion Minerbo é psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, docente do Instituto de Psicanálise da SBPSP.

Se o sexual for definido como desvio em relação ao biológico, então somos todos desviantes.

te sexual que *constrói* o objeto de seu desejo; todos nós o fazemos. De fato, se o sexual é definido como um desvio, uma perversão com relação ao biológico, então somos todos desviantes, cada um de nós cria um mundo próprio. Por exemplo, não é difícil constatar que o mundo em que se move o fóbico é muito diferente do mundo que habita o obsessivo. São realidades diferentes. Neste sentido, o objeto da pulsão será sempre e necessariamente diverso para cada um, em função da especificidade de seu desejo.

Este o ensinamento maior do estudo da perversão: a realidade é sempre construída pelo desejo, e não apenas na perversão.

O tema tem sido explorado nesta dupla perspectiva. O estudo do inconsciente da perversão, isto é, de sua metapsicologia, não pode ser dissociado do tipo de realidade que é produzida por este inconsciente. Pois a recusa da castração é um mecanismo psíquico que incide sobre uma realidade externa - a ordem cultural - e não sobre a realidade da vida de fantasia do sujeito. Entendemos que a ordem cultural se funda sobre a proibição do incesto, pela ameaça da castração, pela Lei, universo que é recusado pela perversão.

No entanto, das realidades diversas que a perversão pode produzir, a *neo-sexualidade*¹ foi durante muito tempo a vedete. Foi alvo de atenções quase exclusivas, sugerindo um leve "esquecimento" de que o sexual, em Psicanálise, é mais amplo que o genital. Perversão não é redutível a desvio sexual. De fato, McDougall mostra que a estrutura perversa produz uma variedade de sintomas. As adições em todas suas formas - toxicomania, bulimia, alcoolismo; certas caracteropatias com tendência à atuação e à delinquência; e para completar, o próprio ato sexual dito normal pode ser usado de forma perversa.

Mas nem por isto o estudo da perversão deixou de estar associado preferentemente a um sintoma, como se vê. Adição ou delinquência são um sintoma, é claro, mas também um modo de vida, representam uma visão de mundo específica. Com isto, pensamos resgatar para a perversão sua dimensão de "construção de mundo" que se depreende dos *Três Ensaios*.

Dos autores que se ocuparam da questão, é Janine Chasseguet Smirgel quem melhor aborda esta totalidade que é a perversão. Citamos: "... o universo perverso,

feito de... magia e crueldade. Desmontar e depois reagrupar os fragmentos deste mundo de horror e encantamento, buscar a especificidade da perda de realidade que ele promete, cercar a ética e a estética que lhe são próprias, tal é o propósito essencial de nossa investigação"².

Ao longo de seu livro, ela nos mostra como a recusa do universo genital do pai - que implica na diferenciação entre os sexos e as gerações - aliada à necessidade de provar a superioridade do universo anal, produz um mundo próprio. Neste, há uma estética que exalta, idealiza, e traveste a analidade de uma aura de fascínio. A humilhação, a dor, a morte, tudo aquilo que causa horror são fontes de prazer. A sua ética despreza o ideal do ego e a necessidade de se submeter à Lei. Busca a anomia, deleita-se com o caos da indiferenciação. Abolidas as diferenças, o sujeito agora pode re-criar, como um deus, sua própria realidade. E o faz exibindo ao mundo, arrogantemente, o poder criador da pré-genitalidade. É o triunfo sobre a genitalidade. A sexualidade desviante é apenas uma pequena parte deste novo mundo.

É dentro deste espírito que ensaiamos uma análise de um pequeno trecho de "O Jogador", de Dostoievski. Tentaremos resgatar alguns aspectos deste universo perverso que se expressa por aquilo que conhecemos como *vício*.

O diálogo que nos interessa é uma discussão sobre o jogo entre Alexei, narrador e personagem principal, e dois interlocutores: um francês e o general³.

Alexei é o preceptor dos dois filhos do general, e não tem um tostão furado. É apaixonado por Paulina, enteada do general, e planeja ficar rico jogando, para poder casar-se com ela. Neste trecho do livro, ele havia perdido dinheiro na roleta, e o francês lhe

Adição perversa implica em mansa submissão a uma compulsão intolerável.

diz que a maior parte dos russos são incapazes de jogar. A isto Alexei responde:

(Alexei)- *Creio, pelo contrário, que só os russos sabem jogar!* - respondi.

Lançou-me um olhar de desprezo.

(Alexei) - *Note o senhor que a verdade deve estar do meu lado, porque gabando os russos como jogadores, mais os maltrato do que os louvo.*

(O francês) - *Mas em que baseia sua opinião?, perguntou.*

(Alexei) - *No fato de o catecismo das virtudes e das qualidades do homem ocidental ter como seu primeiro mandamento o saber adquirir capitais. Ora, o russo não só é incapaz de adquirir capitais como os dissipa sem nexo e duma maneira revoltante. Todavia, nós, os russos, temos necessidade de dinheiro como toda a gente, e os meios, como este da roleta, de se tornar rico de repente, em duas horas, sem muito esforço, nos seduzem. Mas como jogamos completamente ao acaso, assim perdemos. (I)*

- É exato, apoiou o francês.

- Não, não é exato, e você devia envergonhar-se de ter uma tal opinião de seus compatriotas!, observou severamente o general.

Mas por favor, - respondi-lhe, -

a incúria dos russos não será, por acaso, mais nobre do que o "honesto suor do seu rosto" dos alemães? (II)

- Que idéia absurda! exclamou o general.

- É mesmo uma idéia russa! apoiou o francês.

Eu estava muito contente; queria fazê-los exasperar, a ambos. Prossegui: (III)

(Aqui começa todo um longo monólogo em que Alexei argumenta, procurando convencer seus interlocutores de que o sistema alemão, baseado no trabalho honrado e na poupança, e tido como moralmente superior, é muito mais perverso do que a roleta. Traremos apenas um excerto).

"Trabalham como bois, pouparam como judeus"(...) Não dá dote à filha, que não se casará jamais(...) O filho mais novo é vendido como soldado(...) Tudo isto movido por tão grande espírito de honradez, que o filho mais novo é persuadido a exaltar a honestidade em nome da qual foi vendido. A vítima se regozijando que a façam imolar!(...) E a vida se escoia nesta espera, acumulando, até atingir a riqueza, para que o filho mais velho se case e se torne, por sua vez, este patriarca tirano

que obrigará os filhos a trabalharem(...) Pois bem, prefiro me deixar corromper pela roleta, do que por este sistema tão "honrado". Não quero ser rico dentro de 5 gerações: preciso de dinheiro já.

Não sei se são verdadeiras suas palavras - observou pensativamente o general. O certo é que as diz com uma ênfase detestável.

Este trecho permite identificar várias modalidades do ser perverso. (IV)

Em (I) podemos identificar a condição para a estrutura perversa: "*ficar rico, de repente, sem esforço, em duas horas*". O curto-circuito, a solução rápida ao dilema edipiano é evidente. Ao contrário dos simples mortais, que aprenderam dolorosamente a adiar certos prazeres para o futuro, e a renunciar a outros desejos, Alexei recusa a realidade da condição humana. Ele quer ficar rico já e sem esforço, e mais do que isto, acredita de fato que isto é possível. Tentará contornar o destino humano de forma mágica, com a roleta. Ora, todos nós gostaríamos de enriquecer sem esforço, e podemos tentar, vez por outra, a sorte na roleta. Mas isto ainda não é vício, nem todos os aficionados da roleta são adictos. Perversão é mais do que isto.

A adição perversa (porque as há que não o são) implica numa mansa submissão a uma compulsão incontrolável. Como se produz tal estado? É que Alexei precisa sustentar a tese de que é possível ficar rico de repente. Esta representação, por alguma razão, se tornou central para sua estrutura psíquica, o que é facilmente comprovável pela realidade específica que produz: a roleta como modo de vida. É como se esta tese se desdobrasse imediatamente numa conseqüência lógica irrefutável: "*Se é possível ficar rico em duas horas, não descansarei enquanto não o conseguir*". Perdem-se as nuances, o possível se trans-

Através de uma pirueta psíquica, o perverso sustenta a tese de que não há diferença entre os sexos, nem entre as gerações.

forma em provável, e logo em certeza. Vemos Alexei afirmando várias vezes sua certeza de que ganharia muito dinheiro. Mas a perversão é mais do que isto.

Porque é um ciclo infundável. De fato, o viciado não pára de jogar quando enriquece. Se, no início, a roleta estava a serviço de conseguir dinheiro para casar-se com Paulina, logo isto se torna secundário e desaparece de seu horizonte. A roleta torna-se um fim em si mesma. Em certa ocasião, chega a ganhar uma quantia enorme, que dissipa para poder retornar a ela.

O jogo se torna compulsivo na medida em que sua tese tem que ser provada - para si mesmo e para os outros - o tempo todo. E tem que ser provada para encobrir uma verdade.

Segundo Smirgel, a criança que viu os genitais femininos e recusa o sentido daquilo que viu o faz para encobrir uma verdade: o sexo da mãe pede o pênis do pai, e não o seu. A verdade de sua incapacidade biológica para satisfazer a mãe é uma ferida narcísica intolerável - pertence ao teatro do Impossível, na metáfora de Joyce McDougall. Ora, a criança se defende criando a fantasia de castração: "Não é que eu seja incapaz,

é que se eu fizer isto meu pai me castigará". Transforma o Impossível num possível, embora proibido. Esta pirueta psíquica cria e sustenta a tese de que não há diferença entre os sexos, nem entre as gerações. Não há mais registro de um lugar paterno que ele é incapaz de ocupar. Mas ao mesmo tempo há algum registro disto, tanto que a criança passará a vida tentando provar sua tese.

Alexei recusa uma verdade, ao mesmo tempo em que a proclama com todas as letras: sua incapacidade de trabalhar e ganhar dinheiro, como os alemães. Esta contradição ontológica - esta lógica emocional absurda que funda a perversão - se torna visível e se encarna num modo de vida absurdo, que ao mesmo tempo sustenta a ilusão do enriquecimento em duas horas e o reconhecimento de sua impossibilidade. A esterilidade característica da adição perversa não é como a do neurótico, resultado da culpa e das proibições internas. É produto de uma lógica que nega a própria possibilidade de concepção. (Estamos longe de afirmar que perversão é sempre estéril - a contribuição dos perversos ao universo cultural é um fato).

Como dizíamos, Alexei recusa e proclama uma incapacidade

quase biológica, uma incapacidade racial: os russos são incapazes de ganhar dinheiro trabalhando. Ora, se esta é a verdade que sua tese encobre, ele poderia defender-se dela com o desprezo invejoso com relação à capacidade de trabalho dos alemães. Então ele diria simplesmente que não deseja ser como eles, que não há mérito algum em trabalhar e produzir. Mas isto ainda não faria uma perversão.

Em (II) Alexei propõe uma questão para a qual já tem a resposta. Esta afirmação é necessária para caracterizar a perversão como modo de vida. Creio mesmo que podemos dizer que é o fator suficiente, pois aponta para a lógica emocional mais geral do campo da perversão. Ele afirma: *"a incúria dos russos não será, por acaso, mais nobre do que o honesto suor do rosto dos alemães?"*

Vemos que Alexei faz mais do que desprezar algo que deseja, mas que não pode obter. Ele afirma a superioridade de seu sistema - o jogo - sobre o sistema dos alemães - o trabalho. Eis que surge um sistema novo, uma nova ética, uma ética perversa que se sustenta por uma argumentação cínica: o jogo é superior ao trabalho, o trabalho é perverso, pois parece nobre mas é cruel. De fato, os autores mostram que a perversão não é apenas uma regressão a um modo de ser com as características da analidade; há uma afirmação da superioridade do universo anal da criança sobre o universo genital do pai. É a criança que a mãe deseja, e não o pai. Isto já é perversão.

É mais do que isto, trata-se agora de *convencer o outro* não apenas de sua tese, "é possível ficar rico em duas horas" mas da lógica emocional que a produz. Esta lógica particular, absurda, "o jogo é mais nobre do que o trabalho", deve ser partilhada pelo mundo, para que este não denun-

Na ética perversa do "jeitinho", uma afirmação verdadeira sobre a flexibilidade necessária engendra uma conclusão absurda sobre as instituições.

cie a fragilidade da tese. A corrupção do outro se torna uma necessidade, na medida em que o mundo "não-corrompido", que não partilha da mesma lógica emocional se torna subversivo para o status-quo perverso. A coexistência de lógicas emocionais diversas colocaria em crise o sistema.

Fazer o outro partilhar esta lógica emocional é corrompê-lo. Como na Máfia, o sistema só se sustenta se um número de pessoas cada vez maior aderir a ele, e não se admitem traidores. Quando o outro adere à lógica perversa, ele já partilha a ética perversa, e adere a todo o séquito de relações perversas, que constitui o modo de vida perverso. É o momento em que o bom é transformado em mau, mas mantendo-se a aparência de bom, como vimos anteriormente. Evidentemente, se a conclusão absurda vem ao encontro do desejo, com mais facilidade se adere a ela. Quem não prefere ganhar dinheiro sem trabalhar como um boi e poupar comum judeu? Este é, portanto, um aspecto fundamental: a solução perversa nos seduz a todos justamente porque se propõe a legalizar os desejos mais proibidos, toma-os em consideração para satisfazê-los. Somos mobili-

zados, tornamo-nos coniventes, "a vítima se regozijando que a façam imolar"; a solução é tanto mais perversa porque se vai feliz para a auto-destruição, o jogador vai febrilmente excitado para a roleta, para perder-se mais um pouco.

A *perversão da ética* se produz de modo interessante. Apesar de basear-se numa lógica emocional absurda, ganha credibilidade porque vem vinculada a uma, ou várias, afirmações verdadeiras. É verdade que os alemães trabalham como bois e poupam como judeus. É verdade que negam o dote à filha. É verdade que o ciclo vai se repetir com o filho mais velho. Mas a *conclusão* é absurda: a incúria dos russos é superior ao trabalho. De fato, uma coisa não implica na outra. No entanto o interlocutor compra inadvertidamente o pacote todo, que inclui a conclusão absurda e suas consequências. Isto é perverso, é jogo sujo.

A ética perversa do jeitinho brasileiro opera da mesma forma. Há uma afirmação verdadeira, de que a flexibilidade é útil e necessária. A conclusão absurda, que vem no pacote fechado, é que as instituições, suporte da Lei, prejudicam o cidadão, e devem ser

substituídas pelo jeitinho. Quem não adere ao novo sistema está errado.

Em (III) podemos observar novamente esta faceta da perversão como modo de ser. "Eu estava muito contente; queria fazê-los exasperar".

Alexei se diverte exasperando seus interlocutores. Há, é claro, um prazer sádico neste triunfo sobre o general e o arrogante francês. É como a criança que diz ao pai: você não sabe o que está perdendo. É o prazer em confundir, destruir, ver o circo pegar fogo, chutar o pau da barraca. Pois é disto que se trata. Se perverter o outro é desviá-lo de seu próprio sistema, o primeiro passo é provocar uma fissura numa identidade que se acreditava sólida, apresentando o jogo como superior ao trabalho.

Mas ele vai além disto. O perverso deseja, nada mais, nada menos, destruir a identidade do outro, destruir seus valores e suas crenças mais caras, para conseguir sua adesão total a seu próprio sistema. Que um só elemento resista à corrupção já coloca o sistema perverso em crise. Este elemento terá o poder de denunciar a ilusão e o engodo: o jogo não enriquece, a droga não traz felicidade, a criança não pode possuir sua mãe.

A irritação perplexa do general, "não sei se são verdadeiras suas palavras, o certo é que as diz com ênfase detestável", mostra como se processa a desestabilização da identidade. O ataque travestido de argumentos sedutores atingiu seu objetivo. É como se algo nas entranhas do general se estivesse revolvendo, sem que ele possa identificar de onde provém sua perplexidade, seu mal-estar. Ele mesmo está à espera da morte da *babushka* (vovó) para herdar sua fortuna. Evidentemente, seu sistema não difere tanto do que acaba de ouvir, embora não o

Dostoievski capta, talvez, melhor do que nossas teorias, os diferentes níveis da totalidade perversa.

possa admitir. Se conseguisse colocar em palavras o que o atormenta, talvez dissesse. "Seu sistema soa-me estranhamente familiar, por isso me causa horror, e não desejo saber nada disto".

E, finalmente, em (IV) o próprio leitor é engolfado pela lógica absurda da perversão. O leitor é seduzido pelo argumento de que o sistema alemão baseado no suor do rosto é mais perverso do que a roleta. Ficamos desorientados, sem saber mais o que é certo e o que é errado. Estamos prontos a aceitar a lógica de Alexei.

A relação entre Paulina e Alexei também é paradigmática da perversão. Dizer que é uma relação sado-masoquista não faz justiça à riqueza com que Dostoievski a descreve.

Alexei não tem esperanças de conquistar Paulina. Assim, na ausência total de qualquer vaga promessa de realização do desejo, ele abandona sua condição humana. Torna-se um escravo, sem qualquer amor-próprio, para quem as leis e convenções sociais perderam o sentido. Pode falar-lhe o que quiser, pois um escravo não tem o poder de ofender seu amo. Com base neste contrato, cria-se entre eles uma intimidade fortíssima, como só as intimidades per-

versas sabem ser. Ele confessa sua paixão, humilha-se compulsivamente, desce aos últimos degraus do aviltamento, jura matar-se se ela assim o desejar, ou matá-la, "por ter vontade de devorá-la".

"A vítima se regozijando que a façam imolar", diz Alexei sobre o filho que é vendido ao exército pelo patriarca alemão. Ou sobre o russo que aceita ser humilhado pelo europeu. É com alegria que ele se submete a Paulina. É maltratado, sabe que não passa de um escravo a seus olhos, mas não pode pensar em afastar-se dela, que é, apesar de tudo, sua razão de viver.

Ela mostra o tempo todo seu desprezo, sua indiferença, e sente enorme prazer em torturá-lo. Permite que lhe fale, que confesse seu amor, apenas para tripudiar sobre seus sentimentos. Mas Paulina precisa de Alexei. É ele que vai salvá-la, jogando em seu nome na roleta e ganhando um certo dinheiro de que ela necessita desesperadamente. São farinha do mesmo saco, está firmado o pacto perverso, Dostoievski capta e expressa brilhantemente os diferentes níveis desta totalidade que é a perversão - melhor, talvez, do que nossas teorias poderiam fazê-lo. Como efeito literário é perfeito,

pois experimentamos por alguns instantes, com desconforto e estranheza, mas também com fascínio e divertimento, nossos próprios aspectos perversos assim mobilizados. Por um momento partilhamos do universo de Alexei - desqualificamos e desprezamos o suor do rosto, e nos iludimos com sonhos grandiosos.

NOTAS

1. Joyce McDougall, "A Neo-Sexualidade em Cena", in *Teatros do Eu*, Francisco Alves Editora S/A, São Paulo, 1992.
2. Janine Chasseguet-Smirgel, *Ética e Estética da Perversão*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1991 p.18.
3. Dostoievski, *O Jogador*, Clube do Livro, São Paulo, 1986, p. 25.